



PENTECOSTALISMO CONSERVADOR: DISCRIMINAÇÕES, ATITUDES RACISTAS E OS OBREIROS QUE SUSTENTAM TODO O SISTEMA HIERÁRQUICO GARANTINDO OS CAUDILHOS NO PODER

CONSERVATIVE PENTECOSTALISM: DISCRIMINATION, RACIST ATTITUDES AND THE
WORKERS WHO SUPPORT THE ENTIRE HIERARCHICAL SYSTEM, GUARANTEEING THE
LEADERBOARDS IN POWER

Romualdo Monteiro dos Santos*

Resumo: O presente artigo visa entender os mecanismos de poder que estão dentro do pentecostalismo, em especial, na Assembleia de Deus, considerada a maior denominação do Brasil. Assim como, as razões que a levaram ser um local que impera as discriminações relacionadas a gênero e as atitudes racistas e, o pior, em uma forma de *ethos* predominante que não leva em consideração os direitos humanos, tampouco os exemplos da prática cristã de amor ao próximo, à prática da justiça, ao tratamento de igualdade e à equidade com todos e todas. A pesquisa procura, ainda, investigar o processo hierárquico existente nessa denominação, em que os líderes novatos são usados como mão de obra gratuita para o processo de crescimento e expansão das Assembleias de Deus no Brasil e, também, uma investigação de como os líderes patriarcais desse movimento se perpetuam no poder. O trabalho busca sua fundamentação teórica nas obras de Alencar (2012; 2019), Corrêa (2020), Santos (2023) e Vilhena (2016), assim como uma sustentação teológica e o apoio de exegese bíblica.

Palavras-chave: Assembleia de Deus. Discriminação. Racismo. Obreiros da Casa do Senhor. Os Caudilhos no Poder.

Abstract: This article aims to understand the mechanisms of power within Pentecostalism, especially in the Assembly of God, the largest denomination in Brazil. It also seeks to understand the reasons that have led it to be a place where discrimination and racist attitudes prevail and, worst of all, a predominant form of *ethos* that does not take into account human rights, nor the examples of the Christian practice of loving one's neighbor, practicing justice, treating everyone equally and equitably. The research also seeks to investigate the hierarchical process that exists in this denomination, in which new leaders are used as free labor for the process of growth and

* Mestre em Filosofia; Licenciado em Filosofia e Ciências da Religião; Bacharel em Teologia; Especialista em Antigo Testamento. Vinculado ao grupo de pesquisa Teologia e Sociedade da UNINTER. Professor de Filosofia (SEDUCRS), Porto Alegre-RS. E-mail: romualdo.tche@bol.com.br

expansion of the Assemblies of God in Brazil. It also seeks to investigate how the patriarchal leaders of this movement perpetuate themselves in power. The work seeks its theoretical foundation in the works of Alencar (2012; 2019), Corrêa (2020), Santos (2023) and Vilhena (2016), as well as a theological support and the support of biblical exegesis.

Keywords: Assembly of God. Discrimination. Racism. Workers of the House of the Lord. The Leaders in Power.

Considerações iniciais

O movimento pentecostal conservador solidificou em sua teologia a questão da *submissão da mulher* como uma regra, uma doutrina, “uma ordem divina”. Isso exemplifica, em especial, o papel feminino dentro desse movimento. Especificamente a pesquisa abordará acerca da principal denominação do pentecostalismo clássico – Assembleia de Deus (AD). Esta Igreja tem como parte nuclear de seu *ethos* o batismo no Espírito Santo, como uma segunda bênção. Ela se declara uma Igreja missionária, visionária, engajada na luta contra os necessitados, na justiça social, mas dentro de suas entranhas ela se constitui numa instituição opressora, que discrimina, em especial, a mulher. Simone de Beauvoir já destacava o quanto o cristianismo consegue implantar esse selo opressor na mulher.

A ideologia cristã não contribuiu pouco para a opressão das mulheres. Nas epístolas de Paulo, por exemplo, exige-se das mulheres discricção, modéstia e submissão. O homem não foi tirado da mulher e sim a mulher do homem. A Igreja é submetida a Cristo, em todas as coisas submetem-se as mulheres a seus maridos.¹

Outro ponto que escancara tal opressão diz respeito aos usos e costumes, ou seja, a partir de normativas criadas internamente, como se fosse um “código de ética” determinando as regras a serem seguidas rigidamente e no qual há um tipo de norma absoluta daquilo que o crente *deve* e o que *não deve* fazer. Isto é, um código de conduta mais conhecido internamente como *doutrina*, ainda que fora dos bastidores não seja admitida tal nomenclatura². Ainda que tal costume tenha sido parcialmente abandonado nos grandes centros, mas nas congregações pequenas e distantes continuam os atos normatizadores de conduta moral, em especial, sobre o corpo feminino.

¹ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: Fatos e Mitos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v. 1. p. 118.

² A CPAD, instituição oficial das publicações da literatura cristã das Assembleias de Deus, editou um livreto com o título “Doutrinas Bíblicas e usos e costumes na igreja”, escrito por Antônio Gilberto. Há toda uma argumentação no intuito de diferenciar o que seria uma doutrina bíblica e a prática dos usos e costumes. No entanto, não há uma explicação, nem superficialmente, do que seja a prática dos usos e costumes por parte dos crentes determinada pela liderança da AD.



Infelizmente, este tipo de postura opressora escancara o machismo, a discriminação e o preconceito que ocorre de modo velado dentro desta denominação. Evidentemente, algo que será sempre negado pelos *coronéis* que estão no poder. No entanto, as lutas libertárias advindas da sociedade contemporânea em prol das minorias, em especial o empoderamento feminino e a luta contra o racismo, eclodem internamente na Assembleia de Deus causando estremecimentos, constrangimentos e desentendimentos.

A pesquisa procura analisar a questão dos novos líderes ou candidatos à liderança, que desempenham suas funções dentro de igrejas pequenas ou congregações e que não possuem nenhum tipo de remuneração pelo trabalho desenvolvido dentro da instituição. Isso é uma prerrogativa somente dos líderes “graúdos” do respectivo movimento. Aliás, esses lutam com todas as suas armas no intuito de permanecerem no poder, como se fossem donos das respectivas cadeiras cativas da pirâmide hierárquica assembleiana.

Numa perspectiva de fundamentar esta pesquisa será preciso decifrar alguns termos constantes neste trabalho, justamente para elucidá-los como é o caso de *patriarcado*, *gênero*, *discriminação* e *racismo*. Tal elucidação faz-se necessária devido sua abrangência e relevância dentro do objeto de estudo – a Assembleia de Deus.

O patriarcado histórico e sua influência no pentecostalismo

O surgimento e desenvolvimento da AD solidificou-se por meio de práticas essencialmente voltadas aos interesses de uma liderança, que objetivava o crescimento, a frutificação e o poder absoluto desta denominação. Portanto, o espaço público e o político da igreja seriam compartilhados apenas com os “machos”, sem um espaço para a mulher liderar. Apesar de o primeiro membro desta denominação ter sido uma mulher, que inclusive abriu seu lar para que ocorressem os primeiros cultos na *Apostolic Faith Mission* (Missão da Fé Apostólica)³, nome originário da igreja estadunidense de onde vieram os missionários Gunnar Vingren e Davi Berg. Somente em 1914, após o primeiro Concílio Geral, que a denominação trocou o nome para Assembleia de Deus.

A história dessa Igreja é cercada de grandes proezas, como por exemplo, ser a portadora da palavra de Deus, pregar sobre a justiça divina, ser patrocinadora da justiça social etc. No entanto, a sua própria história em solo brasileiro tem demonstrado o quanto essa “voz profética” tornou-se um local em que vigora um sistema patriarcal opressor e conivente com posturas absolutamente machistas.

³ MORAES, Isael de Araújo. *História do Movimento Pentecostal no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2026. p. 41.



Para fins de compreensão acerca da origem de um dos meios de opressão histórica contra a mulher será preciso compreender o sistema do patriarcado. Originado ainda num estado arcaico e baseado em um “processo que durou cerca de 2500 anos para ser completado”⁴ e no qual ocorria uma prática comum naquela época – a *troca de mulheres* entre as tribos. Elas prestavam seus serviços reprodutivos e sexuais, visto que numa sociedade com muitas mulheres haveria a possibilidade de produzir mais crianças. Essas, em situações específicas, eram utilizadas no trabalho, pois os agricultores vislumbravam nelas uma possibilidade de aumentar sua produção e acumular os excedentes⁵.

O contexto histórico aponta para uma forma infame de discriminação para com a mulher a partir desta elaboração cultural denominada de patriarcado. Neste sistema, elas tornam-se objetos dos desejos sexuais dos homens, aquelas que reproduzem os herdeiros, que possuem a força de trabalho. Totalmente distintas dos machos, como categoria social, as mulheres estão sujeitas aos ditames, em especial aos serviços sexuais a seus dominadores⁶. Nas palavras de Marcia Blasi, “o patriarcalismo é uma ideologia e um sistema coletivo que, em uma escala de importância e prioridade, coloca o homem (ser humano do sexo masculino) acima da mulher (ser humano do sexo feminino).”⁷

Para Heleieth Saffioti, a capacidade de usar a razão e o exercício do poder são como que “amputados” da mulher, visto ela ser dotada de comportamentos amáveis, de ternura, de apaziguamento⁸. Evidentemente, isto demonstra a total marginalização imposta às mulheres e colocando-as numa posição de inferioridade perante os machos. Esta atitude perdura até os dias hodiernos apesar de elas conseguirem muitas conquistas nos últimos anos. Simone de Beauvoir certificou que “ninguém nasce mulher, mas se torna mulher”⁹. Segundo Saffioti, nesta frase da pensadora francesa, estão os fundamentos do conceito de gênero. Para Valéria Vilhena, as relações de gênero são relações de poder e fica claro que ele não é constituído pelas diferenças biológicas, mas pelas construções culturais¹⁰.

⁴ LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019. p. 282.

⁵ LERNER, 2019, p. 283.

⁶ SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero Patriarcado Violência*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 113.

⁷ BLASI, Marcia. Gênero e Poder. In: IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Estudos sobre gênero*. São Leopoldo: Sinodal, 2024. p. 21.

⁸ SAFFIOTI, 2015, p. 38.

⁹ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. v. 2. p. 9.

¹⁰ VILHENA, Valéria Cristina. *Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida de Frida Maria Strandberg (1891-1940)*. 2016. 253 f. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) — Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016. p. 81.

Os processos de discriminação em relação ao gênero feminino

Nas palavras de Valéria Vilhena, a religião é utilizada como se fosse um “instrumento de exploração, dominação e libertação”¹¹. Isso ficará evidente a partir das intenções em que serão usadas essas ferramentas, visto a religião ser um canal propício para perpetuação desse *modus operandi* do *patriarcado assembleiano*. Neste ínterim, sempre coube à mulher o papel de serviçal dentro da igreja, pois ela “é preparada para esse tipo de serviço”. Isto tem um valor simbólico representativo de quanto o macho consegue mudar os papéis que lhe interessam e criando uma hierarquia entre o ser masculino e o ser feminino¹².

Claramente o macho posiciona-se num patamar de superioridade em relação ao feminino e perpetuando essa narrativa, conforme as demais histórias dos vencedores. Bourdieu destaca o quanto a ordem física e social exclui as mulheres dos afazeres mais importantes e, em contrapartida, o quanto lhe concedeu uma posição de inferioridade, uma pedagogia corporal de como proceder perante os homens de destaque e se apresentando de cabisbaixa, braços fechados sobre o peito¹³ e, obviamente, calada.

A mentalidade machista da liderança assembleiana em nada se diferencia daquela do *mundo*, do *profano*, da *sociedade ímpia*. Quem olha de fora observa uma instituição religiosa conforme muitas espalhadas pelo território, passando a ideia de uma instituição preocupada com a prática da justiça social, com valores humanos, a busca pelo bem comum etc. Não obstante, internamente é um verdadeiro caos para algumas mulheres. Ana Carolina Murgel escreve que “o pensamento filosófico, psicanalítico, sociológico, religioso e genético, que analisa e interpreta o homem e a mulher, é masculino.”¹⁴

A religião, por essas razões específicas analisadas até aqui, se torna um campo minado, em terreno cujas armadilhas podem estar num simples movimento. O risco é potencializado na mínima tentativa de avançar num espaço vazio. Assim tem sido o palmilhar de muitas mulheres assembleianas deste país, visto que a cada centímetro que avançam elas se deparam com inúmeras adversidades, por causa do terreno já possuir dono – o patriarcado – *os ungidos do Senhor*.

A história pentecostal narra a vida e obra de Frida, uma missionária sueca, que se casou com um dos desbravadores do pentecostalismo assembleiano no Brasil – Gunnar Vingren. Ambos se conheceram num determinado culto que ocorria na Suécia numa igreja em que o

¹¹ VILHENA, 2016, p. 82.

¹² BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand, 2020. p. 41.

¹³ BOURDIEU, 2020, p. 46.

¹⁴ MURGEL, Ana Carolina A. T. A prosa da poeta: os artigos feministas de Alice Ruiz nos anos 1970 e 1980. *Gênero*, Niterói, v. 10, n. 2, p. 273-292, 2010. p. 283. DOI: <https://doi.org/10.22409/rg.v10i2.27>.

missionário estava anunciando o Evangelho àquela congregação. Nesse momento, iniciava um romance que desencadearia no casamento entre Frida e Gunnar. Ela chegou ao país no dia 03 de julho de 1917 e três meses depois ocorreu o casamento com Vingren. Estava iniciando ali uma nova fase na vida dessa missionária.

Aimée Semple McPherson – líder do movimento pentecostal norte-americano – era uma das mulheres em que Frida se inspirava e de quem lhe concedeu ajuda financeira¹⁵. Essa missionária sueca era detentora de muitos talentos aliados à sua formação profissional e capacidade de liderar. Ulrich detalha alguns trabalhos desenvolvidos por Frida no Brasil, como por exemplo, traduziu textos para o português; dirigiu cultos; desbravou novos pontos de evangelização; ministrava a palavra na igreja, em casa e nos presídios. O cargo designado era de missionária, mas a função era pastoral. Ela possuía enorme potencial como teóloga e fazia argumentações, a partir da teologia pentecostal¹⁶.

Naturalmente Frida ia assumindo os trabalhos na igreja e, com muita dedicação e talento, no entanto, sua atitude foi chamando a atenção, mas negativamente, devido à visão machista de alguns líderes do movimento. Conforme Vilhena, Frida em algumas situações substituiu o esposo, que em muitas oportunidades precisava viajar a serviço para a Suécia. Com isso, ela assumia muitas funções, como ministração do ensino e da pregação. “A atuação de Frida, especialmente, como redatora e ensinadora da palavra começou a incomodar e, dessa forma, iniciaram as tensões com o outro missionário, Samuel Nyström.”¹⁷

Esse líder foi o responsável pela primeira Convenção das Assembleias de Deus, em que conclamou as lideranças do movimento para tal evento ocorrido entre os dias 5 a 10 de setembro de 1930, no Estado do Rio Grande do Norte, na cidade de Natal. Segundo Vilhena, era uma reunião de cunho machista e patriarcal, cuja finalidade principal era proibir Frida e as demais mulheres de assumirem como líderes nas igrejas e nos demais trabalhos eclesiásticos¹⁸.

Ficava nítida a intenção de tolher Frida, pois sua ascendência como líder causava enorme repulsa entre a liderança assembleiana. Mesmo assim, a missionária não se calou e, conforme Ulrich, ela ainda escreveu, na primeira edição do periódico *Mensageiro da Paz*:

A espada ainda está na nossa mão e maiores lutas nos aguardam. O nosso coração alerta espera no Senhor, aguardando-nos as suas ordens. Queremos seguir em frente – prosseguir a carreira custe o que custar e ‘arvorar a bandeira

¹⁵ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia 1911-2011*. 2012. 285 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 103.

¹⁶ ULRICH, Claudete Beise; VILHENA, Valéria Cristina; SILVA, Leicyelem von Rondow. Frida Maria Strandberg, uma missionária esquecida: movida pela Ruah e impedida pelos “homens de Deus”. *Rev. Pistis Práxis*, Curitiba, v. 10, n. 3, p. 625-656, 2018. p. 644. DOI: <https://doi.org/10.7213/2175-1838.10.003.DS08>.

¹⁷ ULRICH; VILHENA; SILVA, 2018, p. 639.

¹⁸ VILHENA, 2016, p. 99.

às gentes', confiando no 'Deus da antiguidade', cujos braços se estendem até nós. (Mensageiro da Paz, ano I, nº 1, 1 de jan. 1931, p.1).¹⁹

Frida não baixou a guarda, pelo contrário, manteve-se em defesa de seu próprio ministério e do ministério feminino. Não obstante, tal liderança era essencialmente formada por homens, configurando assim uma liderança machista e/ou misógina. Ainda que Frida tivesse recebido o apoio do esposo, Vingren, porém, as dissensões, atritos, tensões aumentaram gradativamente a ponto de o casal ser "convidado" a se retirar do Brasil, em 1932.

Notadamente houve um conluio entre os líderes da AD com o objetivo de calar Frida, visto ela ser uma liderança em potencial e causar uma ciúmeira constrangedora perante os *caciques* e machistas assembleianos. Não obstante, um nome cresceu em meio a essa artimanha – Samuel Nyström, que tinha a seguinte intenção:

Nyström levou, no entanto, a pauta da atuação das mulheres à frente dos trabalhos da igreja porque seu objetivo era de impedir o ministério de Frida e das demais mulheres. Sua posição a esse respeito encontra respaldo em outros pastores, tanto suecos, quanto brasileiros. Todavia, o silenciamento de Frida na história oficial das AD deve ser sempre problematizado para explicitar o mutismo de tantas outras mulheres na história do movimento pentecostal brasileiro. É preciso um exercício necessário para desconstruir atitudes cruéis, caminhos tortuosos, ações injustas, sistemas de crenças que desumanizam.²⁰

A malícia, a astúcia, a audácia usada por Nyström encontra precedentes, inclusive nos dias atuais, em muitos *arraiais evangélicos* e, conseqüentemente dentro da hierarquia assembleiana, na tentativa de obstruir, impedir, destruir qualquer possibilidade de construção de um ministério de liderança feminina. A pirâmide hierárquica ou, conforme escrito por John Stott, o *poleiro da liderança*²¹, em que somente o galo fica no pináculo da pirâmide exemplifica nitidamente o funcionamento da hierarquia em tal movimento pentecostal, pois neste tipo de organismo praticamente não existe confronto de ideias, debates construtivos, menos ainda a possibilidade para ouvir as ponderações da membresia da igreja. É uma perpetuação desse mecanismo de poder, por parte do *caudilhismo* pentecostal.

Nesta estrutura percebe-se a rigidez, o conservadorismo, os interesses escusos²² e o cunho machista, cujo marco principal foi a manutenção dessa *pirâmide do poder* e, neste sentido, um ato de truculência que permanece incólume. A postura adotada por Frida não fora possível

¹⁹ ULRICH; VILHENA; SILVA, 2018, p. 641.

²⁰ VILHENA, 2016, p. 167.

²¹ Em seu comentário bíblico de Efésios, John Stott descreve os aspectos nojentos de algumas lideranças eclesiais que se colocam no topo como se fossem um galo empoleirado no ápice do galinheiro. Ver: STOTT, John. *A mensagem de Efésios: a nova sociedade de Deus*. São Paulo: ABU, 1986.

²² São fatos não percebidos por grande parte da sociedade, arquitetados para que interesses individuais se sobreponham ao coletivo. Ver: MEIRELES, Amauri. *Interesses escusos*. Jus, 03 set. 2019. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/76300/interesses-escusos>. Acesso em: 26 fev. 2024.

levar em frente a sua obstinação em lutar pela ordenação das mulheres assembleianas, mas ficou o legado de uma mulher desbravadora, que lutou com as armas que possuía em mãos. “Para calar Frida e sua luta pela ordenação das mulheres, foi-lhe, primeiramente, imputada a sentença de perturbadora, depois, moralmente, foi condenada como tentadora e pecadora e, por fim, morreu considerada louca e histérica.”²³

Segundo Bourdieu, a ordem social, ou melhor, as relações sociais da dominação e exploração que se constituem em dois tipos de *habitus* distintos, os quais classificam as práticas cotidianas segundo a posição antagônica de masculino e feminino. Aos machos, cabe o externo, o oficial e público, o direito, o seco, o alto, o descontínuo. Ele é o responsável pelos atos sejam eles breves, espetaculares ou perigosos; matar os animais, cuidar da lavoura, da colheita; o ato de guerra, o homicídio²⁴.

Às mulheres cabe o úmido, o baixo, o privado e o escondido, o invisível ou vergonhoso; os trabalhos domésticos; o cuidado das crianças e dos animais. O trabalho exterior, sujo, monótono e humilde²⁵. O sociólogo francês desvenda a essência do descalabro machista, que é o homem se colocar num nível superior criando uma estrutura essencialmente androcêntrica na qual somente ele é capaz de penetrar.

Essa estrutura está perfeitamente enraizada, alicerçada no sistema eclesiástico do *habitus* descrito por Bourdieu, isso é, a prática exacerbada da *dominação*, cujos atores, neste sentido, são os líderes assembleianos e a *exploração* ou os explorados são as mulheres assembleianas. Esse processo escancara a gravidade da discriminação com o feminino, que demonstra a sua devoção e deseja servir ao divino, mas precisa primeiramente pedir “a benção” para o *coronel* da pirâmide eclesiástica.

E a situação aumenta enormemente quando se refere à mulher almejar a um cargo na liderança, junto aos *caudilhos* pentecostais. Como se não bastasse o papel de total submissão também lhe é retirado o direito de ascender a um cargo no ministério pastoral. “Infelizmente as igrejas têm legitimado uma estrutura ao negar alguns ministérios às mulheres.”²⁶

Segundo Ivone Gebara, existe uma reprodução de comportamentos parecidos em nossa cultura que é patriarcal. O feminino é sempre o culpado caso a família não tenha harmonia ou quando os filhos e filhas não vão bem na escola. A história que prevalece será sempre masculina, mas as implicações negativas recairão, em especial, nos ombros das mulheres. “O mesmo se dá nas igrejas. As mulheres são sempre mais responsabilizadas do que os homens.”²⁷

²³ VILHENA, 2016, p. 217.

²⁴ BOURDIEU, 2020, p. 55.

²⁵ BOURDIEU, 2020, p. 56.

²⁶ RUETHER, Rosemary Radford. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. Tradução de Walter Altmann. São Leopoldo: Sinodal, 1993. p. 167.

²⁷ GEBARA, Ivone. *Teologia Ecofeminista: Ensaio para repensar o Conhecimento e a Religião*. São Paulo: Olho D'água, 1997. p. 45.



A bolha criada por esse perfil de liderança abre alguns precedentes perigosos, pois as condutas desses líderes patriarcais colocam os seus dominados numa posição de seres oprimidos, discriminados, violentados simbolicamente, quando não, agredidos psicologicamente por seus dominadores. E o pior de tudo, com o respaldo de que estão cumprindo com a “ordem de Deus”. Um apelo ilegítimo à divindade, à espiritualidade, à eclesiologia. Eles se apropriam do sagrado para colocarem em prática o seu poder de *déspotas, tiranos, coronéis do sertão*. E, para justificar tais atitudes intempestivas, trazem à tona versículos bíblicos, muitas vezes totalmente fora de contexto, a fim de sustentar “bíblica ou teologicamente” suas atitudes.

O pentecostalismo conservador, com raras exceções, tem sido um campo fértil para esse tipo de liderança que oprime, que discrimina, que tolhe a liberdade, em especial, da mulher.

O pentecostalismo é religião fundamentalmente de conversão predominando em sua estrutura de poder uma dominação essencialmente masculina. O sexo feminino é entendido como ‘naturalmente fraco’ e, portanto, impotente para pensar, dirigir e interpretar o que deve ser proposto como o modelo ético religioso de estruturação da vida dos fiéis.²⁸

Uma das marcas simbólicas da AD é a postura de sua liderança ser *essencialmente machista* e, que durante a trajetória histórica da denominação foi se estruturando, mesmo que desorganizadamente, porém, fundando e pavimentando um plano de *poder eclesiástico, essencialmente masculino*. E numa tomada de decisão nada transparente²⁹ foi negar à mulher a possibilidade natural de trilhar os degraus da hierarquia eclesiástica.

Atitudes de discriminação em relação à classe social e à raça/etnia

Thaís de Oliveira Costa³⁰, pesquisadora que foi membra da AD em Boa Esperança, na zona rural do município de Santarém/Pará, parte das observações que fez em campo e do diálogo que obteve com a presidente do grupo de oração da referida congregação, irmã Maria da Luz. Este grupo de oração tem o nome de *Rosa de Saron*, cujas integrantes são mulheres “em situação de vulnerabilidade social e algumas são donas de casa e/ou trabalham na roça.”³¹

²⁸ GOUVEIA, Eliane Hojaij. Silêncio e submissão: mulheres pentecostais. In: RIBEIRO, Helcion *et al.* (Orgs.). *Mulher e dignidade: dos mitos à liberdade*. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 61-68. p. 64.

²⁹ Cabe ressaltar que a AD tomou essa decisão de não ordenar mulheres por questões meramente pessoais, androcêntricas, políticas e por conveniência. Não houve um processo específico para uma discussão teológica, conforme fizeram as igrejas protestantes históricas batista e presbiteriana, que discutiram e ainda discutem bíblica, doutrinária e teologicamente acerca da questão. Ao não abrir uma discussão sobre o pastorado feminino evidencia-se e escancara-se todo o processo de discriminação contra as mulheres por parte do coronelismo assembleiano.

³⁰ COSTA, Thaís de Oliveira. *Eu discordei de um cara: um estudo sobre gênero e pentecostalismo na Assembleia de Deus em Boa Esperança-Santarém/PA*. 2019. 50 f. Monografia (Bacharelado em Antropologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019. p. 3.

³¹ COSTA, 2019, p. 9.

Neste relato fica evidente o quanto há mulheres assembleianas que impõem resistência, lutam e procuram o seu devido espaço, mesmo em situações adversas e num local onde os cargos e as posições principais da Igreja competem aos homens.

Sua atuação na igreja diverge do papel destinado às mulheres. Ela geralmente está no púlpito, *ora pregando, ora ensinando* a lição da EBD, mas são papéis temporários, visto que, apenas homens têm funções ministeriais permanentes. Quando questionada sobre o fato de não estar no púlpito permanentemente e se havia alguma implicação em sua vida, ela retrucou dizendo que a maioria da membresia é composta por mulheres, e que estas lideram NEC's³², são professoras da EBD e fazem o trabalho evangelístico, pois *o ministério de obreiros não é de ir para fora da igreja fazer o que elas fazem*. Ela reiterou também que o Espírito Santo *capacita quem Ele quer, independente do gênero*.³³

Thaís de Oliveira Costa demonstra inconformismo com a utilização de “um discurso raso para respaldar a não consagração de mulheres para liderar igrejas”. Ela pondera que “se o argumento se encontra no fato de não ter um versículo em específico que legitime as mulheres ao cargo de pastorado, ele será questionado, visto que não há um que proíba.”³⁴ Gedeon de Alencar alerta que a “misoginia assembleiana não é isolada”, visto que é algo mais amplo. Tanto as convenções quanto os ministérios assembleianos têm a direção exclusiva de um homem³⁵. Ele descreve o que ocorre, na atualidade, com as irmãs da AD:

Nas atuais Convenções, elas simplesmente não existem, mesmo que o número de assembleianas supere em mais de um milhão o de homens. Portanto, se no primeiro momento as ADs são mais modernas que o país, no momento em que o país avança na questão de gênero, o assembleianismo é vanguarda do atraso.³⁶

Outro *estigma* marcante que tem prevalecido na AD é a questão da discriminação racial, visto existir um racismo sutil, dissimulado dentro das entranhas dessa denominação. Curiosamente foi justamente um homem negro, William Joseph Seymour, o responsável pelo início do movimento pentecostal, que deu origem ao pentecostalismo da Assembleia de Deus no Brasil. Moab César Carvalho Costa relata que o movimento pentecostal surge num contexto de racismo e segregacionismo e cuja liderança pertencia a um americano negro³⁷. Mendonça e Velasques destacam a relação íntima do pentecostalismo acerca das classes mais desfavorecidas da sociedade estadunidense e também da brasileira, ou seja, cumprindo um

³² Núcleos de evangelismo e crescimento.

³³ COSTA, 2019, p. 36, grifos nossos.

³⁴ COSTA, 2019, p. 39.

³⁵ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011*. 2. ed. São Paulo: Recriar, 2019. p. 193.

³⁶ ALENCAR, 2019, p. 193.

³⁷ COSTA, Moab César Carvalho. *O aggiornamento do pentecostalismo brasileiro: as igrejas Assembleias de Deus e o processo de acomodação à sociedade de consumidores*. São Paulo: Recriar, 2019. p. 54.



papel cristão da prática da justiça³⁸. No entanto, com o decorrer dos anos essa marca positiva foi se perdendo e ganhou espaço, dentro dos pentecostalismos, as atitudes discriminatórias tanto em questões de gênero quanto de raça/etnia.

Morgane Reina destaca que apesar do pentecostalismo da AD ser pautado numa perspectiva de religião marginalizada e promotora de uma liturgia para os excluídos, contudo, ela continua sendo uma religião branca, cujos negros são acolhidos, mas discriminados³⁹. Átila Augusto dos Santos testemunha a sua própria experiência dentro da AD, que devido a sua orientação sexual não estava sendo bem-visto na igreja. Percebeu que aos poucos estava sendo excluído das atividades, dos cultos, das reuniões, por fim, da denominação. Conforme suas próprias palavras: “traumatizante, pois não imaginava tamanha crueldade, eu era dali e aquilo fazia parte central da minha vida.”⁴⁰ Ele também lembra da discriminação sofrida por seus familiares que pertenciam à AD:

Um exemplo desse não lugar que a branquitude aloca a maioria dos negros/as é a historicidade apagada da minha família na pessoa dos meus avós maternos negros. Após aproximadamente quatro décadas de empenho e dedicação à Assembleia de Deus no sertão de Minas Gerais, foram subitamente ‘jubilados’ e afastados sob o argumento de modernização. Por isso, quase não se tem registros de suas histórias e trabalho, senão memórias. Isso relega os saberes religiosos e vivências dos negro/as pentecostais a lugares de controle e opressão e desconsidera os negros/as altamente capacitados, apagando-os e silenciando-os em seus conhecimentos, inclusive teológicos.⁴¹

Assim como as mulheres são discriminadas em questões de gênero, seja na sociedade e/ou nas igrejas, as mulheres negras sofrem mais ainda devido ao racismo que se perpetua em suas vidas. Flávia Cesarino, em sua pesquisa sobre feminismo negro e religião, aborda aspectos que demonstram o quanto a mulher negra e evangélica continua sofrendo de racismo.

As mulheres negras evangélicas costumam ser vítimas de racismo tanto na sociedade como na própria igreja, embora encontrem acolhimento nas mesmas. Elas não tinham e ainda raramente têm alguma legitimidade e abertura para falar, dificilmente as pautas referentes à mulher negra encontram espaço de discussão nessas instituições e raramente essas mulheres ocupam posições de liderança na hierarquia das igrejas, mesmo sendo maioria em número de fiéis. Logo, as mulheres negras são aceitas e bem-vindas nas igrejas evangélicas, desde que se mantenham silenciadas e concordem com o status quo das mesmas. Dessa forma, ao compreender que as mulheres negras são maioria entre as evangélicas e considerar a interseccionalidade, isto é, que elas são atingidas por múltiplos sistemas de opressão envolvendo raça, classe, gênero e

³⁸ MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990. p. 255.

³⁹ REINA, Morgane Laure. Pentecostalismo e questão racial no Brasil: desafios e possibilidades do ser negro na igreja evangélica. *Plural*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 253-275, 2017. p. 258. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2017.143005>.

⁴⁰ SANTOS, Átila Augusto dos. *Fé na Inclusão*. Interseccionalidade de gênero, raça e classe na igreja inclusiva pentecostal. São Paulo: Recriar, 2023. p. 9.

⁴¹ SANTOS, 2023, p. 106.

religião, entende-se que as mulheres negras continuam a ser prejudicadas por diversos tipos de desigualdades que têm como base o racismo, tanto na sociedade de modo geral, como nas igrejas evangélicas. Isso significa que mesmo elas sendo em maior número nessas instituições, a estrutura religiosa continua sendo em sua maioria, patriarcal.⁴²

Comumente, Alef Monteiro, arqueólogo e pesquisador, também presenciou *in loco* a questão do racismo dentro de uma Assembleia de Deus no Pará. Em sua pesquisa de campo evidenciou-se a discriminação racial. Em uma de suas entrevistas, uma mulher negra de codinome Genice detalha suas experiências dentro da igreja. Desde os 14 anos de idade servia a Deus nessa congregação e sempre seguiu as normas assembleianas, inclusive aos aspectos dos “usos e costumes”. No entanto, Genice tem a consciência do racismo e assume sua negritude e, a partir desse fato ela deixa de alisar os seus cabelos e começa a usar roupas de estilo africano. Esta postura causou-lhe retaliações por parte dos irmãos da igreja. Faziam julgamentos devido a sua atitude de mudança, ou melhor, ao assumir a sua negritude. Colocaram-lhe numa situação de enfrentamento a muitas adversidades. Não obstante, Genice permanece firme em postura de mulher negra e pentecostal⁴³.

Nunca mais eu peguei cargos de liderança – Ninguém mais me chama pra nada. Pensei em sair da igreja por causa disso, mas depois que a raiva passava eu sempre parei pra pensar que eu tinha que resistir. A igreja tá cheia de gente racista, mas a gente tem que resistir pra poder fazer a mudança. Deus não tem uma única cor, isso é absurdo! Se ele nos fez conforme a sua imagem, e nós somos de muitas cores e aparências, por que Deus teria uma única cor e aparência?! Essa imagem branca de Jesus não é nada mais do que uma produção racista. É o padrão físico europeu na religião (GENICE, 05.02.2017).⁴⁴

Enfim, fica evidenciado o quanto o poder misógino está estruturado e traz à luz o coronelismo reproduzindo na igreja as posturas escravocratas, em que os senhores de escravos se tornaram os senhores dos púlpitos. Conforme Thaís Costa, “nesse contexto, a fé foi utilizada tanto como mecanismo de subjugação da população preta e pobre, que compõe a maioria desses espaços, quanto para controle dos corpos das mulheres.”⁴⁵

Os obreiros do Senhor que sustentam todo o sistema hierárquico

Existe dentro da AD um tipo de hierarquia onde há privilégios para alguns, no entanto, tem custado o suor, a labuta, o comprometimento de outros. Na maioria, são pessoas simples,

⁴² CESARINO, Flávia Tortul. Interseccionalidade e mulher negra: raça, gênero, religião e identidade. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 17, n. 1, p. 127-150, jan./jun. 2020. p. 19. DOI: <https://doi.org/10.34019/2237-6151.2020.v17.30794>.

⁴³ MONTEIRO, Alef. Deus é branco? Um estudo sobre a racialização de deus no pentecostalismo. *Revista da ABPN*, v. 12, n. 34, p. 746-773, set./nov. 2020. p. 767.

⁴⁴ MONTEIRO, 2020, p. 768.

⁴⁵ COSTA, Thaís, 2019, p. 4.

dedicadas, devotas ao sagrado, à prática de sua fé e que oferecem seus talentos em prol da obra de Deus. Neste viés surge o oportunismo da liderança *coronelista*, ainda que de forma indireta, mas no intuito da perpetuação do *patriarcado assembleiano*. Visto que tal liderança aproveita a inocência de seus obreiros para pavimentar o caminho desses pastores-presidentes rumo à perpetuação no poder. Muitas vezes, às custas do trabalho alheio e da dedicação de muitos e muitas nesse processo de hierarquização.

Há um zelo exacerbado pelo *poder*, por parte de *pastores-presidentes*, que se revestem de um “poder tradicional adquirido pelo respeito, admiração e crença; detém o poder burocrático porque mantêm uma relação de dominação de alcance ampliado.”⁴⁶ Com isso, os seus *súditos* se rendem às suas ordens superiores para servirem de mão de obra em todas as esferas da denominação e, salvo exceções, sem ganhar um centavo por tal trabalho realizado, afinal de contas, é para a extensão do *Reino de Deus*, para a *Obra de Deus*.

Numa perspectiva da teologia protestante de linha ortodoxa, segundo o teólogo Millard Erickson, são três as formas principais de governo eclesiástico existentes. A pesquisa procura analisar cada uma dessas linhas visando a compreensão da hierarquia assembleiana⁴⁷. Para um melhor entendimento e análise das formas de governo eclesiástico tradicionalmente são estudados três tipos de liderança:

a) **Episcopal**: forma de governo cuja autoridade fica a cargo do *episcopos*⁴⁸. Dependendo da Igreja poderá haver graus de episcopado, conforme, é o caso da Igreja Anglicana, por exemplo, que possui uma forma de episcopado. No caso da Igreja Metodista existe um formato simples de liderança, pois há também um episcopado, porém, existe um colegiado com cerca de seis a oito bispos responsáveis pelas decisões essenciais da Igreja.

b) **Presbiteriano**: forma de governo onde há não uma centralização do poder, mas nas diversas modalidades ou instâncias de governo que representam a Igreja. Existe a Assembleia Geral formada por representantes leigos e clérigos. Há o Sínodo, representado pelo mesmo número de leigos e clérigos. Todas as igrejas de determinada área física-geográfica são governadas pelo Presbitério. Um aspecto interessante, nenhum grupo tem autoridade sobre o outro de mesmo nível. Por essa razão, há um processo de inclusão entre clero e laicato, em que ambos estão inseridos em todas as assembleias de governo.

c) **Congregacional**: forma de governo da Igreja que “ressalta o papel individual do cristão e torna a igreja local o centro da autoridade”. Palavras-chaves neste sistema – *democracia* e *autonomia*. Na democracia, há o sentido de que todo membro da igreja tem voz ativa nas

⁴⁶ CORREA, Marina Aparecida. *Dinastias Assembleianas*: sucessões familiares nas igrejas das Assembleias de Deus. São Paulo: Recriar, 2020. p. 278.

⁴⁷ ERICKSON, Millard. *Teologia Sistemática*. Tradução de Robinson Malkones, Valdemar Kroner, Tiago Teixeira Neto. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 1029.

⁴⁸ *Episcopos* (gr.) = bispo.

decisões. Na autonomia da igreja local, há o sentido de independente, autogovernada. Não existe um poder superior externo que possa ditar as regras a serem seguidas. A autoridade parte da associação entre as igrejas e são realizadas com base representativa⁴⁹.

Nas formas de governo presbiteriana e congregacional sempre haverá grupos representativos de leigos e clérigos com voz ativa nas decisões. No governo episcopal, salvo a Igreja Metodista, os demais grupos protestantes apresentam um líder, seja eleito, aclamado ou reconduzido ao poder e será ele o líder personalista, absolutista e dominador no mais alto escalão hierárquico. Ainda que não esteja tão claro o tipo de governo, a AD apresenta aspectos de governo episcopal. Marina Aparecida Correa apresenta os principais sistemas de governo de Igrejas e destaca uma característica mais congregacional de pequenas congregações assembleianas. Visto serem os membros e o pastor que deliberam as decisões. No entanto, nas ADs maiores, o poder recai sobre o pastor presidente, configurando assim um sistema episcopal⁵⁰.

Gedeon de Alencar destaca o quanto é difícil definir o sistema de governo assembleiano, visto alguns pastores serem mais congregacionais em sua postura; outros lideram num formato mais próximo do presbiterianismo ou do episcopal. Numa maneira didática a AD possui um sistema de governo heterogêneo, isto é, com um pouco de cada, ao passo que dependerá muito da região e do pastor local. “O sistema eclesiástico assembleiano é o *modelo do líder* que se encontra no poder.” Nesse sentido, existe uma certeza unânime – o *poder do líder* – todos são vitalícios⁵¹.

Ao passo que possa existir uma diretoria constituída de um número maior de pessoas, no entanto, quem manda é o seu líder máximo, nesse caso, o presidente geral. Consequentemente, esse tipo de governo é passível de se perpetuar no poder e, como implicação, corre o risco de se tornar um governo autoritário, tirano, déspota. John Stott descreve o que significa esse modelo de liderança.

O *modelo tradicional* é o modelo da pirâmide, com o pastor empoleirado precariamente no seu pináculo, *como um pequeno papa na sua própria igreja*, ao passo que os leigos estão dispostos abaixo dele em fileiras ordenadas segundo sua inferioridade. É um quadro totalmente antibíblico, porque o Novo Testamento contempla, não um único pastor com um rebanho dócil, mas sim, tanto uma direção plural quanto ministério de todos os membros. Não muito melhor é a figura do ônibus, em que o pastor é o único que dirige, ao passo que a congregação é o grupo de passageiros dormindo em segurança pacífica atrás dele. Bem diferente da pirâmide ou do ônibus é o modelo bíblico do corpo. A

⁴⁹ ERICKSON, 2015, p. 1031.

⁵⁰ CORREA, 2020, p. 90.

⁵¹ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a deus. Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. 2000. 159 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2000. p. 133.



igreja é o corpo de Cristo e cada um dos seus membros tem uma função distinta. [...] *não há lugar para uma hierarquia nem para aquele tipo de clericalismo mandão* que concentra todo o ministério nas mãos de um só homem e, que nega ao povo de Deus seus próprios ministérios aos quais têm direito.⁵²

Para fins de contextualização, o termo *pastor*, no Antigo Testamento (AT), em sua forma original é *rā'a* (pastorear, alimentar) de onde origina *rō'eh* (pastor). Aparece em mais de 60 vezes no AT. Designa a ação de alimentar animais domésticos e, desde a antiguidade, havia a legitimidade de os governantes exercerem a função de líderes que “pastoreavam” seus súditos. Ainda no AT Deus é descrito como o pastor que alimenta Israel e recebe o louvor ao prover o sustento e o cuidado para o seu povo (Gn 48.15; Sl 23.1; 28.9; Is 40.11; Os 4.16). Ficou evidente a transgressão gravíssima cometida pela liderança de Israel ao não alimentar física e espiritualmente o povo (Ez 24.2)⁵³. No Novo Testamento (NT), a palavra grega para designar pastor é *poimên*; porém, o termo *poimanō* significa pastorear, cuidar⁵⁴.

Antes de Israel se apropriar das terras de Canaã as suas tribos, além de serem nômades, dependiam de suas manadas, de seus rebanhos. Nesta época, a função de pastor era assumida por um dos membros da família e era necessário que ele demonstrasse: *cautela*, *paciência* e *honestidade*. Era uma função que exigia comprometimento do líder do pastoreio, visto não ser fácil encontrar novas pastagens perante o clima seco e a terra fraca; a falta de abastecimento de águas; o descanso necessário e a viagem⁵⁵.

O pastor precisava cuidar incansavelmente dos animais frágeis e indefesos (Ez 34.1 ss). “A devoção ao dever era posta à prova ao manter-se como guarda sobre o rebanho noite após noite, contra as feras e os salteadores. Neste aspecto, os pastores mercenários frequentemente decepcionavam os seus empregadores.”⁵⁶ O verdadeiro pastor de ovelhas colocava sua vida em risco para salvar suas ovelhas, enquanto o mercenário fugia desesperadamente na hora do perigo.

A liderança da AD, em especial o alto clero, tem interesses *mais nobres* do que cuidar, alimentar, pastorear as ovelhas. Por essa razão eles “terceirizam” esse trabalho nada fácil e repassam para os líderes do escalão inferior da pirâmide hierárquica, que fazem o trabalho árduo, pesado e cansativo. Estes *obreiros da Casa do Senhor* são pessoas dedicadas e

⁵² STOTT, 1986, p. 121, grifos nossos.

⁵³ HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. v. 1. p. 1438.

⁵⁴ COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2. p. 1587.

⁵⁵ HARRIS; ARCHER JR.; WALTKE, 1998, p. 1442.

⁵⁶ COENEN; BROWN, 2000, p. 1246.

comprometidas na igreja local, pois toda sua devoção a Deus implica em fazer a *Sua* obra e em fazer o melhor para *Ele*⁵⁷.

Não obstante, a pesquisa pretende demonstrar o quanto a liderança superior da AD se apropria da boa vontade de líderes novatos, que são comprometidos ao extremo e se dispõem ao *trabalho voluntário*. Claro que tais líderes iniciantes à hierarquia assembleiana visam, em algum momento, subir na pirâmide hierárquica. Com isso, os *coronéis eclesiásticos* tiram o máximo proveito financeiro, patrimonial e solidificam o seu *status quo* como liderança.

Nesse ínterim, normalmente é uma igreja cujo público vem das camadas mais simples da população e, até por isso, ela cresce enormemente na periferia, conforme podemos perceber nos dados do censo do IBGE⁵⁸. Muitos pastores, presbíteros ou demais líderes responsáveis por congregações, igrejas pequenas se dedicam ao cuidado destas instituições e precisam fazer a prestação de contas aos seus líderes superiores. Conforme Marina Correa destaca:

Os pastores das congregações dependentes prestam contas de toda movimentação financeira em suas igrejas – exercem a função de pastores, mas não possuem o título. Geralmente são pessoas que exercem outras profissões para manter o sustento de suas famílias, ou seja, não possuem salários dos ministérios, para prestar serviços nas congregações dependentes, por isso trabalham em outras atividades, geralmente em cargos simples, de pedreiro, carpinteiro, entre outras funções; à noite se dedicam nas igrejas locais⁵⁹.

Visando captar recursos para os seus projetos de expansão são realizadas diversas campanhas, doações e mutirões para a construção de igrejas, congregações ou centros evangelísticos. E, parte da comunidade local, ou seja, o público externo não cristão também acaba se engajando neste processo e muitos contribuem com doações de alimentos para as cantinas, assim como, material para a construção da igreja.

O mesmo vale para as reformas dos templos locais e, por consequência, fica evidente o quanto essa estratégia adotada pela AD lhe beneficia em praticamente todos os sentidos, pois é uma expansão de seus negócios e, o melhor, com baixíssimos custos, aumentando o seu patrimônio e gastando um valor simbólico nas despesas com a construção de igrejas.

Outra, cabe ressaltar que a Igreja Assembleia de Deus praticamente não possui custo com aluguéis, pois os seus templos, com raras exceções, fazem parte do patrimônio adquirido ou construídos pela própria denominação. Enquanto isso, as suas *rivais neopentecostais* – Poder

⁵⁷ Esse serviço poderá abranger a ajuda aos necessitados, recepção de visitantes, organização e limpeza do templo, serviço de portaria e zeladoria, atenção especial aos novos convertidos, visitas aos doentes e enfermos etc.

⁵⁸ O censo 2010 do IBGE coloca a Assembleia de Deus com um total de 12.314.410 membros, num universo, na época, de 190.755.410 habitantes no país. Isso representava 6,46% da população do Brasil. Ver: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 2010*. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137#resultado>. Acesso em: 16 mar. 2024.

⁵⁹ CORREA, 2020, p. 278.

Mundial de Deus, Internacional da Graça, Plenitude de Deus, Deus é Amor etc., gastam fortunas com aluguéis.

Os *caudilhos*⁶⁰ lutando para se perpetuarem no poder

Segundo Bandini, a AD é um tipo de igreja cujo sistema de governo é **oligárquico, caudilhesco e de sistema patriarcal** derivado da experiência de seus fundadores suecos e pelo sistema pré-industrial do período dos anos de 1930 a 1960, em que predominava o coronelismo nordestino⁶¹.

No quesito bíblico-teológico, vale frisar que essa denominação pentecostal criou uma hierarquia totalmente fora dos padrões bíblicos⁶² que é *sui generis*, visto o presbítero ser um tipo de auxiliar do pastor titular, quando muito, um tipo de líder maior de uma congregação. Conforme o ensinamento bíblico, o presbítero tem a função clássica de liderar, pastorear, alimentar, sustentar o rebanho.

O quadro 1 mostra que *presbítero*, *bispo* e *pastor* são funções que se alternam e se complementam e, em passagens bíblicas, os termos são utilizados de maneira alternada, com o mesmo significado. Em momento algum a Bíblia faz qualquer distinção hierárquica entre essas três funções concernentes ao ministério pastoral. Tais falhas de interpretação, ou melhor, a falta de uma boa exegese evidencia o quanto eles aplicam a *eisegesis*⁶³.

Quadro 1 – Comparativo dos termos similares ou intercambiáveis⁶⁴.

Liderança no Novo Testamento	Termo original	Função	Base Bíblica	Funções Intercambiáveis
Presbítero	<i>presbyteros</i>	- Liderança - Supervisão - Liderança da Igreja	At 15.6 1Tm 5.17 Tg 5.14 1Pe 5.1-4	1Pe 5.1-4

⁶⁰ Caudilho: cabeça; chefe de Estado; Ditador Militar. Termo utilizado no continente sul-americano (em países de língua espanhola). Ver: DICIONÁRIO.COM. *Caudilho*. [s.d.]. Disponível em: <https://www.dictionary.com/browse/caudillo>. Acesso em: 23 maio 2024.

⁶¹ BANDINI, Claudirene de Paula. Relações de Gênero na Assembleia de Deus: uma análise de trajetória feminina. *Ciências da Religião: história e sociedade*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 109-133, jul./dez. 2015. p. 111.

⁶² Bíblia é a *regra de fé e prática* de igrejas protestantes históricas, por essa razão todas suas estruturas organizacionais estão fundamentadas nas Escrituras Sagradas. Os “eruditos” assembleianos inventaram um novo sentido para o termo *presbyteroi*: *auxiliar de pastor*.

⁶³ A *Eisegesis* consiste em introduzir em um texto alguma coisa que alguém deseja que esteja ali, mas que na verdade não faz parte do mesmo.

⁶⁴ HARRIS; ARCHER JR.; WALTKE, 1998, p. 1023.



Pastor	<i>poimên</i>	- Liderança - Autoridade - Direção - Provisão	At 20.28-31 Ef 4.11 1Pe 2.25 1Pe 5.2,3	At 20.28-31 1Pe 5.2,3
Bispo	<i>episkopos</i>	- Direção - Supervisão - Liderança da Igreja	At 20.28 1Tm 3.2-5 Tt 1.7; Fp 1.1 1Pe 5.1,2	At 20.28 1Pe 5.1,2

Fonte: Elaborado pelo autor.

Esse modelo de hierarquia criado pela AD contemplou enormemente aos interesses exclusivistas da sua liderança *patriarcal*, dificultando assim os novos aspirantes ao poder eclesiástico e, com isso, diminuindo a concorrência interna ao tão sonhado topo da pirâmide. Porém, há total falta de embasamento bíblico, assim como falta de sustentação teológica nesse tipo de modelo hierárquico para o ministério pastoral. Tal hierarquia retira o máximo proveito da mão de obra dos líderes novatos, que serve de sustentação para a permanência dos *pastores mais experientes no poder*. Nas palavras de Gedeon de Alencar, a permanência da “gerontocracia no poder”⁶⁵.

Não obstante, a partir de uma boa exegese bíblica se descobrirá que esses títulos dizem respeito ao mesmo ofício pastoral. “Os termos ancião e bispo são sinônimos em Atos 20.17 e Tito 1.5-7; os títulos de *pastor*, *presbítero* e *bispo* são sinônimos em 1Pedro 5.1,2. A função de liderança dos presbíteros é também sinônimo na atividade pastoral em Tiago 5.14.”⁶⁶

Este é um padrão normativo do ministério pastoral para todas as igrejas protestantes em qualquer lugar ou época. No caso específico da AD, o pastor é colocado como líder maior de uma igreja local e rebaixa a função de presbítero, como se fosse um auxiliar de pastor, seja numa igreja ou congregação. Outra, há uma hierarquia de *pastores*, o que também é totalmente fora dos padrões bíblicos.

Conforme reiterado acima, o pastor responsável por um campo geográfico, distrito ou setor recebe um subsídio⁶⁷, por outro lado, a maioria dos pastores de igrejas locais não tem direito a tal remuneração, tampouco os presbíteros. É com essa lógica empresarial e piramidal

⁶⁵ ALENCAR, 2000, p. 135.

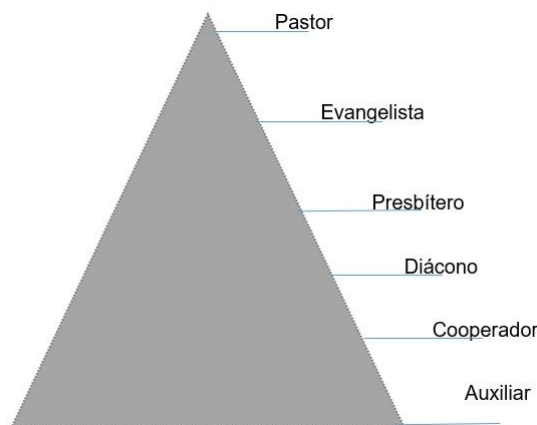
⁶⁶ MACARTHUR JR., John. *Redescobrimo o ministério pastoral*. Tradução de Lucy Yamakami. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1998. p. 58.

⁶⁷ A nomenclatura correta é Prebenda Pastoral. Uma forma de retribuir financeiramente ao pastor por sua dedicação ao Ministério. Esse valor é isento de contribuição previdenciária, pois a Prebenda Pastoral, de acordo com a Lei 8.212.91 no Art. 22, não pode ser considerada remuneração direta. Ver: CONTABILIDADE PARA IGREJAS. *O que é Prebenda Pastoral?* [s.d.]. Disponível em: <https://contabilidadeparaigrejas.com/o-que-e-prebenda-pastoral/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

de hierarquia que trabalha a maior Igreja Pentecostal do Brasil, em que a organização é gerida por uma mão de obra *voluntária*, cabendo aos seus obreiros o trabalho rotineiro dentro do ambiente eclesial e sob a supervisão de um pastor local – esse com supervisores da escala acima, para delegarem funções e metas a serem atingidas.

Neste sentido, a lógica de hierarquização promovida pela instituição habilita e estimula uma busca por ascensão dentro desta igreja, pois aquele que deseja ser líder deverá iniciar como um porteiro, cooperador, diácono etc., conforme pode ser observado na figura 1. Ainda que isso, na prática, seja muito difícil uma ascensão no topo dessa pirâmide. Porém, há uma possibilidade que acelera consideravelmente a ascensão, um tipo “fura fila” bastando, para isso, ser o filho de um *caudilho* assembleiano. Esse procedimento é bem conhecido no setor público como nepotismo⁶⁸.

Figura 1 – Hierarquia piramidal da Assembleia de Deus.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Lopes aponta para a lógica do processo de promoção dentro da AD: “os cargos existentes na Assembleia de Deus são, para os homens, do menor para o maior: auxiliar, diácono, presbítero, evangelista e pastor. A mulher pode ocupar apenas o cargo de diaconisa, com status equivalente ao do auxiliar.”⁶⁹ Existe dentro desta instituição todo um processo para ascensão na carreira, a qual deveria cumprir à risca tal processo, mas, na prática, nem sempre é o que acontece.

⁶⁸ Prática de atribuição de cargos políticos ou funções públicas a membros da própria família. [Religião] Atitude de alguns papas que concediam favores particulares a seus sobrinhos ou a membros de sua família. Proteção escandalosa; favoritismo, filhotismo. Etimologia (origem da palavra **nepotismo**). Do latim *nepote*, ‘sobrinho’ + ismo ‘governo dos sobrinhos’. Ver: DICIO. *Nepotismo*. [s.d.]. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/nepotismo/>. Acesso em: 03 mar. 2024.

⁶⁹ LOPES, Deivis Vânio. *A organização eclesial da Assembleia de Deus em Canoas/RS*. 2008. 156 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. p. 90.

Todos os cargos na Assembleia de Deus apresentam atribuições gerais e são razoavelmente regrados, embora de maneira informal. Não é possível queimar etapas na carreira de obreiro assembleiano, embora alguns fiéis, por *parentesco* ou *afinidade* com algum *mandatário* da Assembleia, passem do menor ao maior posto na organização em um espaço de tempo mais curto que o normal. Caso um obreiro de outra igreja evangélica transfira-se para a Assembleia de Deus [...] o cargo que ele possuía não é reconhecido, independentemente de qual seja. Ele pode tornar-se novamente obreiro, desde que seja indicado para tal e, mesmo assim, deverá iniciar pela base da *pirâmide hierárquica* da Assembleia de Deus. O primeiro estágio na carreira eclesiástica de um fiel assembleiano do *sexo masculino* é o de auxiliar. O responsável pela congregação tem a liberdade de arregimentá-lo a qualquer tempo, destacando-o a partir de então para funções menos expressivas na igreja, como, por exemplo, distribuição de folhetos com mensagens bíblicas, de porteiro, recepcionista, coletor de ofertas, dirigente de um departamento da igreja.⁷⁰

Na AD não existe a obrigatoriedade do curso de bacharel em teologia para o ministério pastoral, pois se utiliza da conveniência da vocação do candidato aliada às necessidades mais urgentes da igreja. Lopes detalha a “promoção” que ocorre dentro de uma igreja local da AD. A consagração é de um diácono, mas vale para os demais cargos – *presbítero, evangelista e pastor* – as mesmas exigências, ou obrigações.

O indicado ao diaconato deve possuir o *dom da glossolalia*. Deve também preencher um termo de compromisso, no qual são solicitados alguns dados pessoais, além de resposta às seguintes questões: ‘É batizado no Espírito Santo? Há quanto tempo? Trabalha? É dizimista? Vai continuar sendo? Há quanto tempo é crente? Há quanto tempo vem cooperando na Obra da Deus? Alguma vez sofreu disciplina? Por quanto tempo? Pertenceu a outra denominação? Qual?’. Ainda neste documento, o fiel deve dizer ‘sim’ ou ‘não’ ante a seguinte pergunta: ‘Promete diante de Deus: Cumprir com suas obrigações ministeriais; Obedecer às orientações do Ministério da Igreja; Nunca causar tropeços, nem embaraços ou impedimento na Obra do Senhor; Não se envolver em questões administrativas e exercer o cargo fielmente, segundo a orientação pastoral?’.⁷¹

Neste processo, fica claro que a ascensão para o nível superior da pirâmide eclesiológica da AD, a partir do diácono, conforme podemos observar na figura 1, impera o *ethos* assembleiano utilizado como requisito regulador: se o candidato tem o *dom da glossolalia* e se é *batizado no Espírito Santo*. No entanto, nada garante que o candidato, ainda que se considere vocacionado e tenha o aval da liderança, consiga avançar na linha hierárquica da denominação. Porque todo esse processo não passa de mera suposição, empiria, a fim de medir a vocação ou a capacitação do candidato para o ministério.

Outra, não há a aplicação de testes, avaliações, entrevistas, no sentido de aferir se o candidato é capaz de suportar os meandros da função; se ele possui capacidade de enfrentamento às crises, conflitos, problemas oriundos do ministério. Como medir sua estrutura

⁷⁰ LOPES, 2008, p. 91, grifos nossos.

⁷¹ LOPES, 2008, p. 94, grifos nossos.

emocional, psíquica, mental? Segundo a instituição o essencial é que o candidato possua o dom da glossolalia.

Quanto ao topo da pirâmide, o *patriarcado* assembleiano faz do possível para se perpetuar no poder, afinal, são pouquíssimos que conseguem tamanha façanha, ainda que por caminhos nefastos e sorrateiros, mas extremamente lucrativos. Em especial, os mais antigos não largam o poder e, ainda, dificultam aqueles que estão chegando lá.

Chegando ao pastorado, o fiel alcança o topo na hierarquia eclesiástica assembleiana. Entretanto, os mecanismos de manutenção de poder na Assembleia de Deus afastam os pastores recém-consagrados das esferas decisórias da instituição. Um pastor pode, por exemplo, receber este título e, até o final de sua carreira, trabalhar administrando distritos, função esta que já efetuava na posição de evangelista. Pode também, com o passar do tempo, simplesmente ser destituído de suas funções, caindo no ostracismo. Há evangelistas que foram consagrados pastores como uma forma de homenagem pelos serviços prestados à igreja, sem com isso exercerem qualquer função inerente ao cargo.⁷²

A liderança da AD tem procurado se atualizar em muitos aspectos e um deles tem a ver com a mídia, no entanto, é importante verificar que mudanças estão ocorrendo dentro desta instituição. No passado, a televisão era um aparelho perigoso a tal ponto do *patriarcado* assembleiano ter realizado muitas reuniões constantes para tratar do tema. E, numa dessas reuniões, em 1975, a membresia foi aconselhada a abster-se de assistir à televisão. Os anos passaram, mas aquilo que era um perigo se tornou numa ferramenta potencializada para a perpetuação dos *caciques no poder* assembleiano.

Gedeon de Alencar destaca que o fascínio individual de cada líder e, assim como o seu poder midiático, reforçam a tese de que ambos são maiores do que a própria unidade da AD. Caso essa unidade fosse por eles reforçada seria uma demonstração de força dessa denominação. No entanto, o que se percebe é um embate de forças entre esses poderosos⁷³. Conseqüentemente, o intento desses líderes é justamente se perpetuarem no topo piramidal assembleiano, a fim de desfrutarem das “iguarias e dos manjares do rei”.

Nesse ínterim, ocorreram brigas, entraves, conflitos, conchavos políticos, porém, tudo isso faz parte do *show*. Conforme Alencar adverte, inclusive o que está escrito no Estatuto e que deveria ser cumprido, mas “é letra morta, pois o presidente e o tesoureiro somente podem ser reeleitos uma única vez, no entanto, o presidente anterior esteve no poder há mais de duas décadas.”⁷⁴ Os exemplos dos *caciques* assembleianos brigando para se manterem no poder são exemplos nefastos e inescrupulosos.

⁷² LOPES, 2008, p. 97.

⁷³ ALENCAR, 2019, p. 199.

⁷⁴ ALENCAR, 2019, p. 202.



Eles são extremamente parecidos. Nos erros, principalmente. Mesmo que neguem, com raras exceções de idiosincrasias pessoais, são idênticos. Seus estilos coincidem no modelo administrativo, no patrimonialismo familiar, na 'aquisição' de igrejas e/ou convenção no campo 'inimigo'; *ambos são consumidos pelo poder* da presidência da CGADB⁷⁵. Com pequena diferença a favor de José Wellington⁷⁶, há mais de vinte anos na presidência, e nas tentativas frustradas de Câmara para *derrubá-lo*.⁷⁷

O senhor José Wellington ficou no poder da CGADB durante 27 anos, mas como se não bastasse preparou o caminho para o filho, José Wellington Costa Junior. No dia 9 de abril de 2017, naquela que foi considerada a maior eleição para a presidência da CGADB,

[...] o pastor José Wellington Costa Junior, 63 anos, vice-líder da Convenção Fraternal das Assembleias de Deus Ministério do Belém em São Paulo (Confradesp) e há 14 anos presidente do Conselho Administrativo da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), se tornava o mais novo presidente da CGADB.⁷⁸

Considerações finais

Enfim, a pesquisa procurou demonstrar os processos hierárquicos da AD e o quanto tem sido um procedimento opressor, discriminatório e racista. Onde deveria ser um lugar de acolhimento, de fortalecimento e de esperança para todos aqueles que ali estão inseridos torna-se um local de desrespeito para com a dignidade humana. A instituição Assembleia de Deus é permissiva com tais posturas degradantes e humilhantes com seus membros de hierarquia inferior. Enquanto *pastores presidentes* continuam eternizando-se no poder, eles fecham os caminhos para que as mulheres não consigam, nem minimamente, trilhar os degraus da hierarquia assembleiana, com a sua sustentação bíblica e teológica fundada na *eisegesis*.

O legado deixado pela missionária Frida reflete em muitos aspectos a luta das mulheres assembleianas para terem um espaço na hierarquia da instituição. Como foi observado nessa pesquisa o quanto os *coronéis* da maior denominação do Brasil criaram obstáculos para que o feminino não obtivesse o seu espaço devido na pirâmide hierárquica da liderança. Neste contexto, evidenciaram-se os traços internos de um racismo camuflado.

Também ficou nítido o quanto essa liderança se aproveita da "boa-fé" de seus obreiros, assim como de toda a membresia, para continuarem no topo da pirâmide e, lá de cima, ditando

⁷⁵ Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB).

⁷⁶ José Wellington ficou no poder até 2017 e, após a eleição da 43ª CGADB, o seu filho, José Wellington Costa Júnior foi eleito com 14.675 votos de um total de mais de 23 mil votantes; o segundo lugar ficou com Samuel Câmara (pela quinta vez – 1993, 2007, 2009, 2013 e 2017 – tentando assumir o poder da CGADB), com 8.145 votos.

⁷⁷ ALENCAR, 2012, p. 217, grifos nossos.

⁷⁸ CPAD NEWS. *Pastor José Wellington Costa Junior é eleito presidente da CGADB*. 2017. Disponível em: <http://www.cpadnews.com.br/eleicoes-cgadb/38960/pastor-jose-wellington-costa-junior-e-eleito-presidente-da-cgadb.html>. Acesso em: 06 mar. 2024.

as ordens para os seus subalternos, a fim de se perpetuarem no poder. O que fica de legado para o protestantismo histórico e para o restante do pentecostalismo ao se depararem com esse perfil de *liderança corporativista, nepotista, coronelista*? No mínimo, abre um precedente para aquilo que Jean-Pierre Bastian, num sentido macro e generalista destacou:

A maior parte das igrejas pentecostais tem dirigentes que são chefes, proprietários, caciques e caudilhos de um movimento religioso criado por eles mesmos e transmitido de pai para filho de acordo com o modelo patrimonial e/ou por nepotismo de reprodução.⁷⁹

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia 1911-2011*. 2012. 285 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
- ALENCAR, Gedeon Freire de. *Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus 1911- 2011*. 2. ed. São Paulo: Recriar, 2019.
- ALENCAR, Gedeon Freire de. *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a deus*. Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946). 2000. 159 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2000.
- BANDINI, Claudirene de Paula. Relações de Gênero na Assembleia de Deus: uma análise de trajetória feminina. *Ciências da Religião: história e sociedade*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 109-133, jul./dez. 2015.
- BASTIAN, Jean-Pierre. *La Mutación Religiosa de América Latina*. Para una sociología del cambio social en la modernidad periférica. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. v. 2.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: Fatos e Mitos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v. 1.
- BLASI, Marcia. Gênero e Poder. In: IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Estudos sobre gênero*. São Leopoldo: Sinodal, 2024.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand, 2020.
- CESARINO, Flávia Tortul. Interseccionalidade e mulher negra: raça, gênero, religião e identidade. *Sacrilégens*, Juiz de Fora, v. 17, n. 1, p. 127-150, jan./jun. 2020. p. 19. DOI: <https://doi.org/10.34019/2237-6151.2020.v17.30794>.

⁷⁹ BASTIAN, Jean-Pierre. *La Mutación Religiosa de América Latina*. Para una sociología del cambio social en la modernidad periférica. México: Fondo de Cultura Económica, 1997. p. 188.



COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2.

CONTABILIDADE PARA IGREJAS. *O que é Prebenda Pastoral?* [s.d.]. Disponível em: <https://contabilidadeparaigrejas.com/o-que-e-prebenda-pastoral/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

CORREA, Marina Aparecida. *Dinastias assembleianas: sucessões familiares nas igrejas das Assembleias de Deus no Brasil*. São Paulo: Recriar, 2020.

COSTA, Moab César Carvalho. *O aggiornamento do pentecostalismo brasileiro: as igrejas Assembleias de Deus e o processo de acomodação à sociedade de consumidores*. São Paulo: Recriar, 2019.

COSTA, Thaís de Oliveira. *Eu discordei de um cara: um estudo sobre gênero e pentecostalismo na Assembleia de Deus em Boa Esperança-Santarém/PA*. 2019. 50 f. Monografia (Bacharelado em Antropologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.

CPAD NEWS. *Pastor José Wellington Costa Junior é eleito presidente da CGADB*. 2017. Disponível em: <http://www.cpadnews.com.br/eleicoes-cgadb/38960/pastor-jose-wellington-costa-junior-e-eleito-presidente-da-cgadb.html>. Acesso em: 06 mar. 2024.

DICIONÁRIO.COM. *Caudilho*. [s.d.]. Disponível em: <https://www.dictionary.com/browse/caudillo>. Acesso em: 23 maio 2024.

ERICKSON, Millard. *Teologia Sistemática*. Tradução de Robinson Malkones, Valdemar Kroner, Tiago Teixeira Neto. São Paulo: Vida Nova, 2015.

GEBARA, Ivone. *Teologia Ecofeminista: Ensaio para repensar o Conhecimento e a Religião*. São Paulo: Olho D'água, 1997.

GOUVEIA, Eliane Hojaj. Silêncio e submissão: mulheres pentecostais. In: RIBEIRO, Helcion *et al.* (Orgs.). *Mulher e dignidade: dos mitos à liberdade*. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 61-68.

HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. v.1.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 2010*. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137#resultado>. Acesso em: 16 mar. 2024.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

LOPES, Deivis Vânio. *A organização eclesial da Assembleia de Deus em Canoas/RS*. 2008. 156 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MACARTHUR JR., John. *Redescoberto o ministério pastoral*. Tradução de Lucy Yamakami. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1998.

MEIRELES, Amauri. Interesses escusos. *Jus*, 03 set. 2019. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/76300/interesses-escusos>. Acesso em: 26 fev. 2024.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.

MONTEIRO, Alef. Deus é branco? Um estudo sobre a racialização de deus no pentecostalismo. *Revista da ABPN*, v. 12, n. 34, p. 746-773, set./nov. 2020.

MORAES, Isael de Araújo. *História do Movimento Pentecostal no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2026.

MURGEL, Ana Carolina A. T. A prosa da poeta: os artigos feministas de Alice Ruiz nos anos 1970 e 1980. *Gênero*, Niterói, v. 10, n. 2, p. 273-292, 2010. DOI: <https://doi.org/10.22409/rg.v10i2.27>.

REINA, Morgane Laure. Pentecostalismo e questão racial no Brasil: desafios e possibilidades do ser negro na igreja evangélica. *Plural*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 253-275, 2017. p. 258. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2017.143005>.

RUETHER, Rosemary Radford. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. Tradução de Walter Altmann. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero Patriarcado Violência*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTOS, Átila Augusto dos. *Fé na Inclusão*. Interseccionalidade de gênero, raça e classe na igreja inclusiva pentecostal. São Paulo: Recriar, 2023.

STOTT, John. *A mensagem de Efésios: a nova sociedade de Deus*. São Paulo: ABU, 1986.

ULRICH, Claudete Beise; VILHENA, Valéria Cristina; SILVA, Leicyelem Von Rondow. Frida Maria Strandberg, uma missionária esquecida: movida pela Ruah e impedida pelos "homens de Deus". *Rev. Pistis Práxis*, Curitiba, v. 10, n. 3, p. 625-656, 2018. DOI: <https://doi.org/10.7213/2175-1838.10.003.DS08>.

VILHENA, Valéria Cristina. *Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida de Frida Maria Strandberg (1891-1940)*. 2016. 253 f. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) — Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

Recebido em: 09 maio 2024.

Aceito em: 04 fev. 2026.